



DOCUMENTO DE POLÍTICA

Violência Baseada no Gênero em África durante a Pandemia da COVID-19



Este documento foi conjuntamente publicado pela Direção de Mulheres, Género e Desenvolvimento da Comissão da União Africana (AUC-WGDD), pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), pelo Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR) e pelo Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA).

Direção da Mulher, Género e Desenvolvimento da Comissão da União Africana (AUC-WGDD)
Roosevelt Street W21K19, Addis Abeba, Etiópia
PO Box 3243
Website: <https://au.int/>
E-mail: WGDD@africa-union.org

Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), contacto através da UA e da ECA
Off Africa Road, UNDP Regional Service Centre 2nd Floor, Next to Olympia Roundabout, Addis Abeba, Etiópia
P. O. Box 5580
Website: <https://africa.unwomen.org/>
Email: Tikikel.Tadele-Alemu@unwomen.org

Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR),
Escritório Regional para a África Oriental, New ECA Building Room 1N16, Addis Abeba, Etiópia
P.O. Box 3001
Website: <https://www.ohchr.org/>
E-mail: flurina.frei@un.org

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Escritório de Ligação com a CUA e a ECA
UNECA Compound, Congo Building, 5th Floor, Menelik II Avenue, Addis Abeba, Etiópia
P.O. Box 5580
Website: <https://www.unfpa.org/>
E-mail: ngonze@unfpa.org

Dezembro de 2020

Capa: Mulheres celebram 16 dias de activismo contra a GBV em Moroto, Uganda. ONU Mulheres Uganda/Nadine Kamolleh
Design e layout: Chong Liu

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	5
AUMENTO ACENTUADO DO RISCO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM ÁFRICA	6
VISÃO GERAL DA PREVALÊNCIA	6
ENCERRAMENTO DE ESCOLAS GERAM	8
A LACUNA DE DADOS	9
A UNIÃO AFRICANA E OS ESFORÇOS CONTINENTAIS	9
MEDIDAS NOTÁVEIS NA REGIÃO AFRICANA	10
PRIORIDADES CONTINENTAIS PARA LIDAR COM A VBG DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	15
RECOMENDAÇÕES	16

AGRADECIMENTOS

Este artigo é o resultado de uma revisão da literatura disponível e de consultas a várias partes interessadas. A Direção da Mulher, Género e Desenvolvimento da Comissão da União Africana (AUC-WGDD) e os seus parceiros, nomeadamente, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), o Gabinete do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR) e o Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), agradece a liderança, a orientação e as contribuições que possibilitaram a garantia de qualidade, a revisão, o design e a redação do presente documento, fornecidas por: Victoria Maloka, Marie Goretti Nduwayo, Adwoa Kufuor-Owusu e Caroline Ngonze.

O artigo foi desenvolvido pela Dra. Jacinta Muteshi, com contribuições técnicas de Jeanne Flora Kayitesi, Caroline Monica Nkuziwaleta (WGDD), Tikikel Tadele Alemu, Jack Onyisi Abebe, Amen Deneke e Dukaye Amare Mergia (ONU Mulheres), Flurina Frei, Paa Kwesi Cudjoe (OHCHR) e Brian Mafuso (UNFPA).

Os autores consultaram a literatura de várias partes interessadas e atores da região, incluindo especialistas dos Estados-Membros da União Africana (UA), dos Escritórios da ONU, dos parceiros de desenvolvimento, de Organizações da Sociedade Civil, de Organizações Internacionais, de universidades, de grupos de pesquisa e de defensores de questões de género, nos âmbitos nacional e continental. Além disso, este documento foi usado como referência pela 5ª sessão de especialistas do Comité Técnico Especializado sobre Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres (STC-GEWE), realizada a 23 de novembro de 2020, e pelo diálogo político de múltiplas partes interessadas, realizado por ocasião dos 16 dias de ativismo contra a VBG, a 10 de dezembro de 2020.

Agradecemos as contribuições de Arlette Bikomo Belinga Epse Mvondo, da ONU Mulheres da África Ocidental e Central, e de Anouk Heili, do Escritório Regional para os Estados Árabes. Outras contribuições foram recebidas dos escritórios da ONU Mulheres nos diversos países, incluindo Addisalem Befekadu (Etiópia); Tosin Akubu e Patience Ekeoba (Nigéria); Pearl Atuhaire (Libéria); Bouchard Zambo (Camarões); Jules Mulimbi (RDC); Ulrich Martial Bienvenu Sandy (RAC); Maimouna Seyni Yaye (Níger); Oumou Belle Tore (Mali); Maritza Cecile Chantal (Costa do Marfim); Loveness Nyakujarah (África do Sul); Beatrice Mulindwa (Uganda); Molline Marume (Zimbabuê), Lucy Tesha-Tanzania e Evelyn Ongige (ONU Mulheres da África Oriental e Meridional), bem como o OHCHR de Genebra, incluindo Caroline Ouaffo Wafang.

Introdução

Desde o surto da doença do coronavírus (COVID-19), novos dados e relatórios de profissionais na linha de frente mostram que foram intensificados todos os tipos de violência contra mulheres e meninas (VCM) nos países afetados pela pandemia. Antes da pandemia, estimava-se que uma em cada três mulheres sofreria violência em algum momento da sua vida. Globalmente, 18% das mulheres e meninas com idades entre 15 e 49 anos, que têm ou já tiveram um parceiro, sofreram violência física e/ou sexual perpetrada por um parceiro atual ou anterior, nos 12 meses anteriores.¹ Além disso, com a pandemia da COVID-19, há relatos de aumento da violência contra as mulheres (VCM) em todo o mundo, sendo que nos países onde existe um sistema de relatório, estes relataram aumentos de até 25%.²

Para cada 3 meses de continuação do confinamento, são estimados 15 milhões de casos adicionais de violência de gênero.³

- Um estudo⁴ conduzido em seis países do Sahel mostrou que a violência doméstica, seja ela física ou verbal, aumentou de 40,6%, antes da crise da COVID-19, para 52,2%, durante a pandemia, ou seja, um aumento de 12%. Chade, Senegal e Mali registraram aumentos de 30%, 14% e 10% respectivamente.

Enquanto que o Burkina Faso, Mauritânia e Níger tiveram um aumento inferior a 10%.

Conforme aumentam os pedidos de permanência em casa para conter a disseminação do vírus, as mulheres com parceiros violentos ficam cada vez mais isoladas das pessoas e dos recursos que podem ajudá-las. Globalmente, foram feitos vários relatos de abusos, tais como violência causada por parceiro íntimo, assédio sexual, abuso doméstico e sexual de mulheres e meninas, em muitos casos cometidos por membros da família. Esses incidentes são exacerbados sob condições de confinamento, movimento restrito e escolas fechadas.

Da mesma forma, a pandemia tem um impacto profundo em práticas nocivas para mulheres e meninas, incluindo o casamento infantil e a mutilação genital feminina.

- Devido às interrupções em programas de prevenção relacionados com a pandemia, estima-se que, em todo o mundo, 2 milhões de casos de MGF, que teriam sido evitados de outra forma, poderão ocorrer na próxima década.⁵
- Os esforços para acabar com o casamento infantil podem ser interrompidos pela pandemia da COVID-19, o que poderia resultar, entre 2020 e 2030, num total adicional de 13 milhões de casamentos infantis, que de outra forma não teriam ocorrido.⁶

Além disso, foi relatado que as sobreviventes de violência baseada no gênero tiveram acesso limitado a serviços de proteção legal, uma vez que: a maioria das audiências civis e dos serviços de recepção de arquivos judiciais estão suspensos; a emissão de ordens judiciais sofre atrasos significativos; e a maioria dos centros de assistência jurídica estão fechados, incluindo o acesso limitado a linhas de atendimento para meninas e mulheres.

1 Laura Turquet e Sandrine Koissy-Kpein (2020) COVID-19: Emerging gender data and why it matters <https://data.unwomen.org/resources/COVID-19-emerging-gender-data-and-why-it-matters#vaw>

2 Nações Unidas (2020) POLICY BRIEF: THE IMPACT OF COVID-19 ON WOMEN. Páginas 17-18. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/policy-brief-the-impact-of-COVID-19-on-women-en.pdf?la=en&vs=1406>

3 UNFPA, "Impact of the COVID-19 Pandemic on Family Planning and Ending Gender-based Violence, Female Genital Mutilation and Child Marriage", Nota técnica, 27 de abril de 2020, página 2.

4 Justice and Dignity for the Women of Sahel (JDWS), (julho de 2020) "Sahel: outbreak of GBV cases under Covid-19, according to an NGO" <https://www.jdwsahel.org/2020/08/07/sahel-flambee-de-cas-de-vbg-sous-la-covid-19-selon-une-ong/>

5 UNFPA, "Impact of the COVID-19 Pandemic on Family Planning and Ending Gender-based Violence, Female Genital Mutilation and Child Marriage", Nota técnica, 27 de abril de 2020,

6 UNFPA, Ibid.

Além disso, a pandemia e as medidas subsequentes para lidar com ela interromperam a disponibilidade e a acessibilidade de serviços oferecidos a sobreviventes de violência. Devido às restrições impostas pela pandemia, os prestadores de serviços de todos os setores, governamentais e não governamentais, estão sobrecarregados e não conseguem manter os serviços oferecidos a sobreviventes da violência.⁷ Por exemplo, os serviços de saúde, que são os primeiros a responderem às mulheres, estão sobrecarregados, pois lidam com outras prioridades ou não conseguem ajudar.⁸ O acesso a serviços pode ser ainda mais restrito para sobreviventes que têm uma situação migratória incerta, que são profissionais do sexo e/ou populações sem-teto e em situação de rua;⁹ bem como para pessoas com deficiência, idosos, refugiados, pessoas deslocadas internamente e pessoas com VIH. Isso mostra que algumas categorias de mulheres e meninas em África estão entre os grupos mais vulneráveis expostos aos impactos negativos da pandemia do coronavírus.

Embora a COVID-19, em si, esteja a ceifar a vida de muitas pessoas em todo o mundo, o impacto desproporcional da pandemia na vida de mulheres e meninas ameaça reverter os ganhos que foram duramente conquistados no avanço dos direitos das mulheres e das meninas e no que diz respeito à igualdade de género.

Este relatório resume a bibliografia publicada e não convencional e os relatórios dos meios de comunicação que tratam do aumento da VBG

como um aspecto da pandemia da COVID-19 e das suas restrições em África. Este resumo documenta os aumentos acentuados da VBG, delineando consequências, prioridades emergentes, práticas promissoras e destacando o seu potencial para apoiar e proteger efetivamente mulheres e meninas da violência de género, como uma parte fundamental da resposta à pandemia da COVID-19 na região africana. Compreender a dinâmica entre a VBG e a COVID-19 é importantíssimo para a formulação de políticas e respostas programáticas adequadas.

Aumento acentuado do risco de violência baseada no género em África

Visão geral da prevalência

Em toda a África, dados de género começam a mostrar desigualdades de género exacerbadas sob o contexto da pandemia da COVID19, colocando mulheres e meninas em risco acrescido de Violência Baseada no Género (VBG).¹⁰ Por exemplo:

África Oriental

Os Estados Parceiros da Comunidade da África Oriental (EAC) relataram um aumento acentuado do número de casos de Violência Baseada no Género (VBG). Os ministérios responsáveis pelo género em toda a região relataram um aumento de **48% nos casos de violência de género denunciados** à polícia ou através das linhas de atendimento gratuitas de VBG.¹¹

- **Quênia.** De acordo com o Conselho Nacional de Administração de Justiça do Quênia, há um aumento significativo de crimes sexuais em muitas partes do país. Os crimes

7 ONU Mulheres, (2020) Impact of COVID-19 on violence against women and girls and service provision: UN Women rapid assessment and findings. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/impact-of-covid-19-on-violence-against-women-and-girls-and-service-provision-en.pdf?la=en&vs=0>

8 Peterman, A., Potts, A., O'Donnell, M., Thompson, K., Shah, N., Oertelt-Prigione, S. e van Gelder, N. (2020). "Pandemics and Violence Against Women and Children." Center for Global Development, Working Paper 528. Washington, DC: Center for Global Development. <https://www.cgdev.org/sites/default/files/pandemics-and-vawg-april2.pdf>

9 CARE (2020) Global Rapid Gender Analysis on COVID-19 <https://www.rescue.org/sites/default/files/document/4676/globalrgacovidrdm3312ofinal.pdf>

10 Laura Turquet e Sandrine Koissy-Kpein (2020) COVID-19: Emerging gender data and why it matters. <https://data.unwomen.org/resources/COVID-19-emerging-gender-data-and-why-it-matters#vaw>

11 Comunidade da África Oriental "Gender-Based Violence and COVID-19 in the EAC" <https://www.eac.int/gender/gbv/gbv-and-covid-19>

sexuais, tais como abuso sexual e violação, constituíram mais de 35% de todos os casos relatados.¹²

África Central

- **Camarões.** Uma pesquisa sobre o impacto de gênero da COVID-19, realizada em maio de 2020, concluiu que quase 4 em 10 (35,8%) entrevistados afirmam ter notado um aumento da violência nos seus domicílios. Esse aumento é percebido tanto por homens (35,2%) quanto por mulheres (36%). As restrições de movimento, a redução de recursos financeiros e a ansiedade generalizada da população, podem ser as causas desse aumento. Tanto homens quanto mulheres declaram que houve aumento da violência psicológica (16,4%).¹³
- A **República Centro-Africana** (RCA) vivencia um aumento da Violência Baseada no Gênero (VBG) desde o início da pandemia da COVID-19, tendo sido já iniciadas medidas para controlar este aumento. A denúncia de ferimentos contra mulheres e crianças aumentou 69%. Desde abril, a VBG aumentou cerca de 10%, enquanto a denúncia de ferimentos contra mulheres e crianças aumentou 69%, de violações 27% e de outras agressões 45%, de acordo com um relatório de junho de 2020 feito por analistas do crime da Missão de Estabilização da ONU na RCA (MINUSCA).¹⁴

12 “Sexual Violence Cases Rise amid Virus Curfew.” Daily Nation. <https://www.nation.co.ke/news/Sexualviolence-cases-rise-amid-virus-curfew/1056-5522346-87a4z/index.html> (27 de abril de 2020). Fonte: ONU Mulheres. <https://www2.unwomen.org/-/media/field%20office%20africa/attachments/publications/2020/ending%20violence%20against%20women%20and%20girls%20in%20covid-19%20response.pdf?la=en&vs=4255>

13 ONUFEMMES-BUCREP (2020). COVID-19 Gender Impact Rapid Assessment Survey (Covid-19 GIRAS), Rapport d'enquête, 32p. http://www.minproff.cm/wp-content/uploads/2015/05/COVID_final_ENG.pdf

14 Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD). Julho de 2020. “In CAR, violence against women is surging amid COVID-19 pandemic, study finds” https://www.undp.org/content/undp/en/home/news-centre/news/2020/In-CAR_violence_against_women_surging_amid_COVID19.html

Norte da África

- **Argélia.** Vários casos de feminicídio foram cometidos desde o início do ano. Os incidentes aumentaram no contexto de confinamento, sendo que ocorre um assassinato a cada três a quatro dias.¹⁵
- **Egito.** Houve um aumento de 19% da violência contra familiares. Isto está ligado às medidas rígidas que estão a ser implementadas para limitar a propagação da COVID-19, de acordo com uma [pesquisa conjunta da ONU Mulheres do Egito e do Instituto Baseera](#). Entre as mulheres consultadas de 4 a 14 de abril de 2020, 11% delas tinham sido expostas a violência na semana anterior à pesquisa.
- Uma avaliação rápida conduzida pela ONU Mulheres na **Líbia**, no início da pandemia, indicou que quase metade das mulheres consultadas temia uma escalada da violência doméstica no início do período de restrições.
- **Tunísia.** A violência contra mulheres e meninas aumentou 9 vezes durante a pandemia da COVID-19. Durante o período de confinamento (de março a junho de 2020), a linha de apoio do Ministério da Mulher recebeu 11.361 ligações, sendo que 87% delas relatavam violência física contra mulheres e meninas.

África Meridional

- **África do Sul:** Relatórios oficiais mostram que, na primeira semana da quarentena de nível 5, os Serviços Policiais da África do Sul (SAPS) receberam 2.320 reclamações de violência de gênero, sendo que apenas 148 se concretizaram em denúncias formais. Essas estatísticas representam um aumento de 37% em relação à média semanal de casos

15 Justice and Dignity for the Women of Sahel (JDWS), (julho de 2020) “Sahel: outbreak of GBV cases under Covid-19, according to an NGO” <https://www.jdwsahel.org/2020/08/07/sahel-flambee-de-cas-de-vbg-sous-la-covid-19-selon-une-ong/>

de VBG na África do Sul, relatados em 2019.¹⁶ Além disso, o Centro de Comando de VBG da África do Sul registou um aumento nos casos de violência de gênero relatados durante o período de quarentena, de 27 de março a 16 de abril, com um total de 10.660 denúncias feitas por telefone, 1503 através de dados de serviços suplementares não estruturados (USSD) e 616 por mensagens de texto (SMS). Somente no dia 16 de abril, o Centro recebeu 674 denúncias.¹⁷

África Ocidental

- A **Libéria** registou um aumento de 50% da violência de gênero no primeiro semestre de 2020. Entre janeiro e junho, foram registrados mais de 600 casos de violação sexual.¹⁸
- **Nigéria.** Relatórios de 24 estados em todo o país mostram que, após a promulgação de medidas de isolamento a 31 de março, o número de incidentes de violência doméstica relatados aumentou 56% durante as primeiras duas semanas de abril, em comparação com o mesmo período em março. No estado de Lagos, os casos de violência doméstica aumentaram mais de 100% durante o período de quarentena (a partir de 14 de abril), em comparação com o número de casos relatados para todo o mês de março.¹⁹

Encerramento de escolas geram VBG

O encerramento de escolas intensifica as desigualdades de gênero, especialmente para as meninas e adolescentes mais pobres, que enfrentam um maior risco de casamento precoce e forçado, de abuso sexual e de gravidez indesejada durante situações de emergência.²⁰ Além disso, em toda a África, os pedidos de reabertura das escolas tem sido desigual ou não tem havido uma reabertura consistente para todos os anos escolares.

Além disso, em áreas em que normas sociais resultam em maiores disparidades entre meninas e meninos em termos de matrícula e retenção escolar, uma interrupção temporária em resultado de uma crise como a pandemia da COVID-19 pode levar à remoção permanente de meninas da escola. As principais preocupações incluem: as famílias não conseguem pagar as mensalidades escolares devido à perda de renda durante a crise e acabam por usar mecanismos de sobrevivência negativos, tais como o casamento infantil, e ocorre a perda de infraestrutura educacional, tais como redes de pares de meninas e professores.²¹ Isto tem impactos negativos de longo prazo no acesso das meninas a oportunidades e recursos para melhorar as suas vidas e, em última instância, nos seus resultados educacionais e perspectivas económicas e de saúde.²² Por exemplo:

- **Quênia.** Alguns dados preliminares do Comité de Resgate Internacional sugerem que na cidade de Lodwar, no extremo norte, a gravidez entre as clientes adolescentes do grupo de ajuda do Comité de Resgate Internacional quase triplicou (625 casos), entre junho e agosto deste ano, em comparação com 226

16 Pesquisa do Grupo Temático de Gênero das Nações Unidas, liderada pelo Escritório Multinacional da ONU Mulheres na África do Sul.

17 Smith, Elliot. 2020. "South Africa's Ramaphosa Blasts 'despicable' Crime Wave during Coronavirus Lockdown." CNBC. <https://www.cnn.com/2020/04/13/south-africa-ramaphosa-blasts-despicable-crime-wave-during-coronavirus-lockdown.html> (27 de abril de 2020). Fonte: ONU Mulheres. <https://www2.unwomen.org/-/media/field%20office%20africa/attachments/publications/2020/ending%20violence%20against%20women%20and%20girls%20in%20covid-19%20response.pdf?la=en&vs=4255>

18 UNFPA. West and Central Africa Region COVID-19 Situation Report No. 8 https://wcaro.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/wcaro_covid-19_unfpa_sitrep8-01_30sept.pdf

19 ONU Mulheres (abril de 2020) "The private sector's role in mitigating the impact of covid-19 on vulnerable women and girls in Nigeria." ONU Mulheres Nigéria.

20 <https://www.weforum.org/agenda/2020/05/covid19-gender-equality-women-deliver>

21 CARE e International Rescue Committee. Global Rapid Gender Analysis for COVID-19. Março de 2020. https://www.careinternational.org/files/files/Global_RGA_COVID_RDM_3_31_20_FINAL.pdf

22 Coalition for Women's Economic Empowerment and Equality (abril de 2020) COVID-19 and Women's Economic Empowerment https://www.icrw.org/wp-content/uploads/2020/04/cweee_covid_and_wee_brief_final.pdf

casos no mesmo período no ano anterior. No campo de refugiados de Kakuma, o número de clientes adolescentes grávidas aumentou para 51 no período de março a agosto de 2020, em comparação com 15 no mesmo período em 2019.²³

- **Malawi.** A organização Aliança da Sociedade Civil sobre Educação relatou pelo menos 5 mil casos de gravidez na adolescência no distrito de Phalombe, no sul do país, e mais de 500 meninas casaram-se desde o início da pandemia. Enquanto isso, no distrito oriental de Mangochi, a área registou um aumento de 16% no índice de gravidez na adolescência. Nesta zona registaram-se 6.235 casos entre janeiro e junho do ano passado, em comparação com 7.274 casos no mesmo período em 2020.²⁴
- **Uganda.** O Ministério de Género, Trabalho e Desenvolvimento Social registou pelo menos 4.300 gestações na adolescência nos primeiros quatro meses do confinamento da pandemia da COVID-19.²⁵

A lacuna de dados

A recolha de dados sobre os diferentes tipos de violência contra mulheres e meninas é essencial para priorizar o combate à violência contra a mulher na resposta à COVID-19 e nos esforços de recuperação. Os novos dados sobre o impacto da COVID-19 sobre mulheres e meninas destacados neste documento podem,

atualmente, estar a refletir apenas os piores casos. Sem acesso a espaços privados, muitas mulheres terão dificuldades em fazer uma ligação ou procurar ajuda online. Além disso, a perda potencial de receita devido ao confinamento, a falta potencial de informações sobre quais serviços de VBG permanecem disponíveis e o medo de contrair o vírus em pontos de serviço, criou múltiplas barreiras que fazem com que as sobreviventes de VBG se encontrem numa situação quase impossível: incapazes de buscar ajuda, incapazes de aceder a serviços, incapazes de deixar os seus agressores²⁶ e sem terem para onde ir. Portanto, compreender a escala e a diversidade das experiências de violência sexual e baseada no género (VSBG) para mulheres e meninas durante a pandemia da COVID-19 continua a ser fundamental para todos os países africanos. Camarões, Quênia, Malawi, África do Sul, Uganda e Zimbábue,²⁷ fornecem exemplos de como tomar medidas para **melhorar a recolha e o uso de dados sobre a violência contra as mulheres** no contexto da COVID-19.

A União Africana e os esforços continentais

Durante a sessão de webinar dos Ministros da União Africana responsáveis por género e assuntos da mulher, intitulada “Resposta e Recuperação da Pandemia da COVID-19”, que foi realizada a 12 de maio de 2020, o Excelentíssimo Senhor Moussa Faki Mahamat, Presidente da Comissão da União Africana, na sua palestra de abertura, destacou a necessidade de integrar o género em todas as respostas contra a COVID-19. “Devemos, portanto, garantir, juntos, que esta situação não forneça um terreno fértil para o aumento da violência contra a

23 Ayenat Mersie, (novembro de 2020) Teenage pregnancies rise in parts of Kenya as lockdown shuts schools. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-teenage-pregnancies/teenage-pregnancies-rise-in-parts-of-kenya-as-lockdown-shuts-schools-idINKBN27W11H>

24 David Ochieng Mbewa (julho de 2020) Concern in Malawi as early marriages, teen pregnancies rise amid school closures. <https://africa.cgtn.com/2020/07/28/concern-in-malawi-as-early-marriages-teen-pregnancies-rise-amid-school-closures/>

25 Shabibah Nakirigya (outubro de 2020) “Uganda: 4,300 Teenage Pregnancies Reported in 4 Months”. The Monitor. <https://allafrica.com/stories/202010260408.html#:~:text=pregnancy.&text=At%20least%204%2C300%20teenage%20pregnancies,Gender%2C%20Labour%20and%20Social%20Development.>

26 CARE International e International Rescue Committee (2020). Global Rapid Gender Analysis for COVID-19. Washington, D.C. e Londres: CARE International e International Rescue Committee. <https://www.rescue.org/sites/default/files/document/4676/globalrgacovidrm3312ofinal.pdf>

27 UNDP-UN Women COVID-19 GLOBAL GENDER RESPONSE TRACKER. Factsheet: Sub-Saharan Africa <https://www.undp.org/content/dam/undp/library/km-qap/UNDP-UNWwomen-COVID19-SSA-Regional-Factsheet-2020.pdf.pdf>

mulher. O combate à impunidade e o respeito à dignidade, à igualdade e à solidariedade devem ser os valores fundamentais na abordagem de gênero na luta contra a COVID-19”. Nesse sentido, a Comissão da União Africana desenvolveu uma Estratégia Continental e estabeleceu um Fundo de Resposta à COVID-19 para apoiar uma resposta médica sustentável, recorrendo à experiência dos Centros de Controlo e Prevenção de Doenças em África (Africa-CDC) para mitigar as consequências socioeconómicas nos Estados-Membros.

Além disso, foram desenvolvidas diretrizes da UA sobre respostas de gênero à COVID-19 que visam auxiliar os Estados-Membros na integração da igualdade de gênero em todas as respostas à COVID-19 no continente, de acordo com o Ato Constitutivo da União Africana. Essas diretrizes destinam-se a complementar a resposta já existente a nível continental, liderada pela Comissão da União Africana, através dos Africa-CDC, no âmbito regional, e do RECS, no âmbito nacional por cada Estado-Membro. As diretrizes incluem importantes conceitos e estratégias para a inclusão da questão de gênero, tais como dados desagregados por sexo, orçamentos de gênero, programas escalonáveis e de alto impacto em todos os níveis, parcerias estratégicas e abordagens multissetoriais, inclusão plena e efetiva das mulheres, aplicação do compromisso existente com a igualdade de gênero, empoderamento das mulheres e documentação e partilha de experiências.²⁸

Além disso, a Direção de Mulheres, Gênero e Desenvolvimento da Comissão da União Africana (WGDD), em colaboração com o OHCHR, desenvolveu uma orientação conjunta sobre as possíveis ações que as nações africanas podem realizar, de acordo com as

suas obrigações referentes aos direitos humanos, para prevenir a discriminação contra mulheres e meninas nas suas respostas contra a COVID-19. Essa orientação contextualiza a questão de acordo com as experiências vividas pelas mulheres africanas, com foco nas especificidades dos diferentes grupos de mulheres em África.²⁹

Medidas notáveis na região africana^{30 31 32 33 34}

Três importantes respostas e estratégias de recuperação são evidentes até ao momento:

1. Fortalecimento dos serviços para mulheres sobreviventes;
2. Lançamento de campanhas de sensibilização;
3. Melhorias na recolha e no uso de dados sobre a violência contra as mulheres no contexto da COVID-19.

De modo geral, medidas inovadoras e sensíveis ao gênero continuam a ser implementadas numa variedade de contextos.

²⁹ <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/7ActionsFinal.pdf>

³⁰ UNDP-UN Women COVID-19 GLOBAL GENDER RESPONSE TRACKER. Factsheet: Sub-Saharan Africa <https://www.undp.org/content/dam/undp/library/km-qap/UNDP-UNWwomen-COVID19-SSA-Regional-Factsheet-2020.pdf.pdf>

³¹ UNDP-UN Women COVID-19 GLOBAL GENDER RESPONSE TRACKER. Factsheet: Northern Africa and Western Asia <https://www.undp.org/content/dam/undp/library/kmqap/UNDP-UNWwomen-COVID19-SSA-Regional-Factsheet-2020.pdf.pdf>

³² Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) novembro de 2020 West and Central Africa Region COVID-19 Situation Report No. 9 https://wcaro.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/wcaro_covid-19_unfpa_sitrep9-01_31oct.pptx_.pdf

³³ UNFPA. West and Central Africa Region COVID-19 Situation Report No. 8 https://wcaro.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/wcaro_covid-19_unfpa_sitrep8-01_30sept.pdf

³⁴ UNDP-UN Women COVID-19 GLOBAL GENDER RESPONSE TRACKER. Factsheet: Sub-Saharan Africa <https://www.undp.org/content/dam/undp/library/km-qap/UNDP-UNWwomen-COVID19-SSA-Regional-Factsheet-2020.pdf.pdf>

²⁸ UA, UNECA e ONU Mulheres (maio de 2020) “COVID-19 Response and Recovery: A Gendered Framework”. Relatório da reunião dos Ministros Responsáveis por Género e Assuntos da Mulher da União Africana. https://au.int/sites/default/files/documents/38617-doc-gewe_and_covid_19_eng.pdf

África Oriental

Etiópia. Na cidade de Hawassa, na Etiópia, mensagens do programa chamado Cidade Segura, sobre prevenção e resposta à violência doméstica e sexual, foram partilhadas com autoridades religiosas para serem divulgadas à comunidade.

Madagáscar. O país tem um Plano de Emergência Social cujos beneficiários incluem comerciantes de rua, lavadeiras e profissionais do sexo.³⁵

Quênia. O Presidente ordenou uma investigação sobre os crescentes relatos de violência contra mulheres e meninas – incluindo abusos, violência doméstica, mutilação genital feminina e casamento infantil – como resultado das restrições da COVID-19.

Sudão do Sul. Linhas de apoio nacionais foram lançadas para ajudar sobreviventes de violência baseada no género, que funcionam 24 horas por dia, 7 dias por semana, e fornecem informações e formas de se associar aos prestadores de serviços mais próximos, incluindo Centros de Proteção à Família (centros únicos de proteção da violência contra mulheres e meninas).

Tanzânia. A ONU Mulheres está a apoiar o governo na integração de informações específicas sobre violência contra mulheres e crianças em procedimentos e protocolos operacionais padrão, que irão facilitar os prestadores de serviços a conduzirem exames de violência contra mulheres e crianças nos casos relatados de COVID-19.³⁶

Uganda. O Comité de Serviços Essenciais de COVID-19 do Ministério da Saúde desenvolveu, com o apoio do UNFPA, Procedimentos

Operacionais Padrão para garantir a continuidade dos serviços referentes à violência baseada no género, saúde sexual e reprodutiva e VIH durante a pandemia. Estes procedimentos permitirão ao Ministério da Saúde priorizar os serviços integrados como parte do pacote de serviços essenciais na gestão de casos de COVID-19.

África Central

Camarões. Um inquérito foi lançado pelo Escritório Nacional de Censos e Estudos Populacionais e pelo Ministério do Empoderamento da Mulher e da Família, com o apoio da ONU Mulheres, para avaliar o impacto da COVID-19 e das medidas governamentais na vida diária das pessoas. O inquérito enfatizou a VBG, bem como a distribuição do trabalho doméstico e das obrigações de cuidados entre homens e mulheres. O inquérito foi realizado online em plataformas de redes sociais (WhatsApp e Facebook).³⁷

República Centro-Africana. Em outubro de 2020, foram estabelecidos os Comitês Provinciais de Controlo de VBG de Lobaye e Ombella M'poko. A sua inauguração foi seguida de sessões de formação e capacitação para os membros destes comitês sobre as suas funções, conceitos básicos de VBG e vias de encaminhamento. Partes interessadas nacionais receberam formação sobre a gestão holística de casos de VBG. 35 unidades de saúde foram avaliadas quanto às suas capacidades de conduzir a gestão de casos de VBG no contexto clínico.

Norte da África

Egito. O país adotou medidas abrangentes para enfrentar a violência contra as mulheres durante a pandemia. Em consulta com a ONU Mulheres, o UNFPA, o Banco Mundial e outros atores, o Conselho Nacional para Mulheres no Egito produziu um documento de política intitulado “Resposta Rápida do Egito à Situação

35 Orientações da OHCHR sobre COVID e os direitos das mulheres https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/COVID-19_and_Womens_Human_Rights.pdf

36 ONU Mulheres, UNFPA, OMS, PNUD e UNODC. Programa Conjunto da ONU sobre Serviços Essenciais para Mulheres e Meninas Sujeitas a Violência (2020) “COVID-19 and Essential Services Provision for Survivors of Violence Against Women and Girls” <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/brief-covid-19-and-essential-services-provision-for-survivors-of-violence-against-women-and-girls>

37 ONUFEMMES-BUCREP (2020). COVID-19 Gender Impact Rapid Assessment Survey (Covid-19 GIRAS), Rapport d'enquête, 32p. http://www.minproff.cm/wp-content/uploads/2015/05/COVID_final_ENG.pdf

das Mulheres durante o Surto de COVID-19”. O Egito está atualmente a atualizar as vias de encaminhamento para sobreviventes de violência, para incluir linhas diretas e mecanismos de resposta e denúncia recém-introduzidos. Uma linha direta para mulheres sobreviventes de violência foi estabelecida pelo Departamento de Direitos Humanos do Ministério do Interior. O Ministério da Solidariedade Social manteve oito abrigos abertos para mulheres e os seus filhos, oferecendo uma gama variada de serviços, tais como consulta, apoio jurídico e psicossocial, incluindo sessões de terapia online gratuitas para mulheres. O Ministério da Justiça deu andamento a processos do tribunal de família (tais como pagamentos de pensão alimentícia, custódia dos filhos e residência) para apoiar as mulheres que têm a custódia de crianças durante a pandemia. Os tribunais adotaram medidas sanitárias e de prevenção.

Marrocos. Instituições governamentais e organizações da sociedade civil incentivam as mulheres a telefonar para “8350” ou a comunicarem-se através da plataforma “estamos todos consigo” para denunciar qualquer forma de violência.³⁸ Além disso, serviços digitais são prestados pelo Ministério da Justiça através de um site, que inclui a opção de registar uma reclamação por e-mail. Foi também desenvolvido um sistema de conexão das linhas telefónicas diretas a todos os tribunais, juntamente com a utilização de um aplicativo móvel que permite às vítimas apresentarem queixas urgentes sem terem que se apresentar pessoalmente num tribunal ou delegacia.

Além disso, foi criado um aplicativo móvel para mulheres em risco de violência. Operado pela Union Nationale des Femmes Marocaines (União Nacional das Mulheres Marroquinas – UNFM), o aplicativo oferece uma solução para mulheres que se encontram presas aos seus agressores, vinculando-as, através deste aplicativo, a um dos doze (12) centros regionais em

todo o país,³⁹ sem terem que falar sobre a sua situação ao telefone. Apoio psicológico remoto também foi disponibilizado pelo Conselho Regional do Colégio de Médicos e da Sociedade Marroquina de Psiquiatria.

Tunísia. Uma linha direta para mulheres sobreviventes de violência foi estabelecida pelo Departamento de Direitos Humanos do Ministério do Interior. Um abrigo temporário para sobreviventes de VBG foi estabelecido quinze dias após as medidas de quarentena entrarem em vigor. Até junho de 2020, 29 pessoas haviam sido atendidas por esse abrigo (dezasseis mulheres e treze crianças). Durante a pandemia, o abrigo possibilitou que as mulheres tivessem um lugar para ficar por catorze dias, enquanto faziam todos os exames médicos necessários. Após esse período de quarentena, um novo abrigo foi encontrado para as mulheres e meninas sobreviventes.

África Meridional

Angola. O Ministério da Ação Social, Família e Promoção da Mulher criou uma linha de apoio através da qual profissionais treinados fornecem assistência psicossocial.

Malawi. Foram desenvolvidas diretrizes para auxiliar no mapeamento das vias de encaminhamento e foram estabelecidos mecanismos comunitários de denúncia. Além disso, o Ministério de Género, Desenvolvimento Infantil e Desenvolvimento Comunitário recebeu 940 bicicletas e 60 motocicletas da Iniciativa Spotlight da ONU, para serem usadas por provedores de serviços no combate à violência contra mulheres e meninas nas comunidades. Espera-se que aquelas ajudem a superar os desafios de mobilidade enfrentados pelos provedores de serviços nos seus esforços para alcançar grupos marginalizados que vivem em áreas de difícil acesso.

Moçambique. Os Ministérios do Interior e da Saúde disponibilizaram linhas de apoio

³⁸ Orientações do OHCHR sobre COVID e os direitos das mulheres https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/COVID-19_and_Womens_Human_Rights.pdf

³⁹ Mais informações disponíveis em: <http://www.2m.ma/fr/news/maroc-covid-19-mobilisation-active-de-lunfm-via-la-plateforme-kolonamaak-20200330/>

nacionais que funcionam 24 horas por dia, 7 dias por semana, em parceria com empresas de telecomunicações, como um meio para mulheres e meninas fazerem denúncias com segurança, oferecendo serviços remotos sempre que possível.

África do Sul. Para o Nível 4 das restrições, os tribunais priorizaram os casos envolvendo corrupção, crimes sexuais, violência de gênero e feminicídio, crimes violentos graves, roubo, homicídio e violação das normas relacionadas à COVID-19.

Zimbábue. O escritório nacional da ONU Mulheres no Zimbábue está a apoiar as organizações da sociedade civil que adotam as Plataformas Digitais de Ação pelo Fim da Violência e Práticas Nocivas contra Mulheres e Meninas no Zimbábue. Foi prestada assistência para o estabelecimento de linhas diretas gratuitas para fornecer serviços de apoio psicossocial e de assistência jurídica à distância para mulheres e meninas sobreviventes de VBG. A ONU Mulheres também continua a apoiar as organizações da sociedade civil cujo objetivo é empoderar as comunidades para lutar e enfrentar a VBG através de campanhas, programas de rádio, sessões de capacitação para organizações da sociedade civil, ministérios de base sobre VBG e vias de encaminhamento, bem como o estabelecimento de pontos de paz que oferecem serviços jurídicos e reparações para mulheres e a provisão de assistência jurídica, para que as sobreviventes de violência tenham acesso ao sistema de justiça formal. Apoio contínuo também foi fornecido para fortalecer e desenvolver o empoderamento e a voz de sobreviventes e mulheres vulneráveis, colocando-as no centro da resposta à VBG, através de um projeto de sensibilização que usa modelos de educação e entretenimento. A ONU Mulheres também está a apoiar o Ministério da Saúde e de Cuidados Infantis na coordenação de uma plataforma de resposta multissetorial com diversas partes interessadas para responder à pandemia da COVID-19, no que diz respeito, especialmente, à prevenção

e à resposta à violência contra mulheres e meninas e à VBG. Apoio também é fornecido à OSC chamada ROOTS, que fornece abrigo para sobreviventes de VSBG e VBG.⁴⁰

África Ocidental

Burkina Faso. As ações continuaram em quatro regiões, nomeadamente Leste, Sahel, Centro-Norte e Boucle du Mouhoun, em particular, na luta contra o casamento infantil e a MGF, através da promoção de espaços seguros para meninas adolescentes para que fortaleçam as suas habilidades de vida e os seus conhecimentos sobre saúde sexual e reprodutiva (SSR) e GBV. Um total de 338 espaços seguros, (194 no Leste, 34 no Sahel, 100 em Boucle du Mouhoun e 10 no Centro-Norte), foram abertos para beneficiar 8.725 adolescentes (6.797 meninas e 1.928 meninos). Um total de 22 atores (assistentes sociais, agentes de saúde da linha da frente, agentes de segurança e agentes de justiça) da região Centro-Norte, receberam formação sobre violência de gênero, mecanismos de encaminhamento, serviços de gestão, princípios norteadores, apoio psicológico e coordenação entre os diferentes atores envolvidos na gestão de casos de VBG e os grupos de apoio a mulheres no contexto da pandemia da COVID-19. Trinta e dois espaços foram criados no âmbito do projeto CERF/COVID, que continuam a funcionar para garantir a sustentabilidade do projeto.

Cabo Verde. Numa campanha para sensibilizar a sociedade sobre a igualdade de gênero e a prevenção da VBG durante o confinamento, a linha de atendimento gratuita SMS 110, que opera 24 horas por dia, 7 dias por semana, foi criada em parceria com o regulador e as operadoras de telecomunicações para facilitar o contacto entre sobreviventes de VBG/vítimas e técnicos dos CAVs (centros de apoio à vítima). O Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) também criou um serviço de e-mail para que sobreviventes

40 ONU Mulheres ESARO (agosto de 2020) "Regional Updates on COVID-19 Response," Escritório Nacional do Zimbábue.

de VBG pudessem fazer perguntas e solicitar apoio psicossocial: violencia.covid@icieg.gov.cv. Com o apoio do UNFPA e do PNUD, o ICIEG produziu e lançou a iniciativa “Bu ka sta bo so!” (Você não está sozinha), que foi exibida durante o período de emergência no horário nobre da televisão pública e privada. Além disso, uma campanha internacional foi adaptada ao contexto nacional com o lançamento do programa “Maskara 19”, com o apoio do UNFPA e do PNUD. A campanha visa incentivar as mulheres a procurarem ajuda em situações de violência e abuso, numa farmácia local e de confiança.

Costa do Marfim. O Governo reativou o centro de trânsito e recepção para sobreviventes criado pelo Ministério da Mulher.

Gâmbia: Para apoiar a resposta nacional à VBG, o governo, em parceria com os seus parceiros, a UNFPA e a linha nacional de apoio contra VBG, visa proteger mulheres e meninas, proporcionando maior acesso a informações e serviços, incluindo serviços de primeiros socorros psicológicos. Durante o mês de outubro, 1.723 chamadas foram recebidas pela linha de atendimento. Destas, 126 chamadas receberam

apoio e serviços e 524 receberam serviços de primeiros socorros psicológicos remotos online.

Libéria. O Presidente George Manneh Weah declarou que as violações sexuais são uma emergência nacional e defendeu o desenvolvimento de um Roteiro Nacional pelos vários intervenientes com o intuito de acabar com a VSBG na Libéria, após o registo de um aumento do número de casos de VSBG no país. Isso foi possível através da programação contínua da Iniciativa da UE/ONU chamada Spotlight e do Programa Conjunto de VSBG da GoL/ONU, no qual a ONU Mulheres exerce o papel de liderança técnica. A ONU Mulheres coordena os Pilares de Prevenção em ambos os Programas em colaboração com outros RUNOs e com os principais Ministérios competentes.

Da mesma forma, numa tentativa de acabar com a mutilação genital feminina e o seu aumento durante a pandemia de COVID-19, médicos tradicionais foram capacitados em termos económicos para serem autossuficientes e gradualmente abandonarem a prática da MGF. Um total de 300 médicos tradicionais foram capacitados. Os indivíduos que participaram de programas de agricultura inteligente

As respostas nacionais à COVID-19 devem incluir:		
		
Serviços que abordam a violência contra mulheres e meninas, incluindo maiores recursos para apoiar abrigos, linhas de atendimento e apoio psicológico online. Esses serviços essenciais devem ser expandidos e adaptados segundo o contexto da crise para assegurar o acesso das sobreviventes a apoio.	O sistema de aplicação da lei deve transmitir uma mensagem forte de que a impunidade não será tolerada. A Polícia e a Justiça devem assegurar que os incidentes de VCMM são de alta prioridade. Os casos de violência que emergirem durante o contexto da pandemia da COVID-19 devem ser prontamente abordados.	Deve ser priorizado o apoio psicológico para mulheres e meninas afetadas pela pandemia, para as sobreviventes de violência baseada no género e para os funcionários de saúde e de outras áreas que trabalham na linha da frente.

Fonte: ONU Mulheres (2020)

em relação ao clima colheram recentemente a sua primeira safra de arroz em Sunkey Town, no condado de Todee Monteserrado. Após a colheita, o Chefe do Conselho Nacional de Chefes Tradicionais e Anciões, Zarnza Korwar, declarou: “Viemos dizer ao nosso povo que a cultura da Libéria não será destruída, mas sim modernizada”.

Níger. Com o apoio da ONU Mulheres e do UNFPA, o Ministério Federal dos Assuntos da Mulher produziu jingles para serem tocados em programas de rádio de forma a promover as diretrizes de segurança e higiene da COVID-19, bem como estabeleceu canais de denúncia para sobreviventes de violência sexual e de gênero.

Serra Leoa. Em outubro, o UNFPA de Serra Leoa renovou uma campanha de mensagens dirigida a mais de 31.200 utilizadores de telefones celulares em todo o país, com mensagens de texto sobre o fim da violência de gênero. Com o apoio da Irish Aid e do Governo da China, juntamente com a ONU Mulheres, o UNFPA de Serra Leoa está a apoiar sete centros de atendimento único que prestam serviços a sobreviventes de VBG em todo o país. No terceiro trimestre, os centros prestaram assistência a sobreviventes em 111 casos de penetração sexual (menores), quatro casos de violação sexual e quatro casos de violência doméstica.

Togo. No âmbito do Projeto de Assistência a Sobreviventes de Violência através da Solução Digital: WhatsApp Chatbot automatizado, o UNFPA do Togo apoiou o Groupe de Réflexion Femme Démocratie et Développement, que capacitou os gestores de 13 centros de escuta, além de funcionários paralegais, membros de plataformas comunitárias e outros atores envolvidos na luta contra a VBG para fortalecer a resiliência de mulheres e meninas. Pelo menos 200 atores envolvidos na promoção e proteção dos direitos das mulheres receberam formação sobre abuso e exploração sexual, VBG e situações de crise.

Prioridades continentais para lidar com a VBG durante a pandemia da COVID-19

Em alguns Estados-Membros da União Africana (UA), os casos de COVID-19 começaram a aumentar novamente, sinalizando que uma segunda onda está a começar. Como primeira prioridade, é crucial que os Estados-Membros, o Sistema das Nações Unidas, os doadores, os formuladores de políticas e as organizações implementadoras coordenem e priorizem as abordagens de prevenção, resposta e mitigação de riscos de VBG como aspectos fundamentais da programação relacionada à pandemia da COVID-19. Os elevados níveis de VBG estão em desacordo com os compromissos de GEWE nos âmbitos nacional e continental, incluindo o objetivo da Agenda 2063 de alcançar “a segurança humana e uma redução acentuada do crime violento”.

As Diretrizes da União Africana para intervenções com perspectiva de gênero em relação à pandemia da COVID-19 e a integração de questões de gênero em geral, estão no centro das suas respostas à COVID-19.⁴¹ Reconhecendo que os direitos de mulheres e meninas à integridade física e psicológica são frequentemente comprometidos quando as mulheres são submetidas a violência e a violações, a UA delineou orientações claras para o futuro. As Diretrizes da União Africana para intervenções com perspectiva de gênero em resposta à pandemia de COVID-19 no continente exigirão esforços contínuos para apoiar a liderança e a participação efetiva de mulheres e meninas locais, e de mulheres e meninas com deficiência,

41 União Africana (maio de 2020) “Framework Document on the Impact of Covid-19 on Gender Equality and Women’s Empowerment: African Union Guidelines on Gender Responsive Responses to Covid-19” https://au.int/sites/default/files/documents/38617-doc-gewe_and_covid_19_eng.pdf

em todos os processos de tomada de decisão no tratamento da COVID-19.^{42 43}

As Diretrizes priorizaram:

- Aumento da alocação orçamental para vários fundos especiais nos âmbitos nacional e continental e a mobilização de mais recursos a partir de parceiros internacionais de desenvolvimento e outras fontes, a serem dedicados especificamente para respostas nacionais imediatas para proteger mulheres e meninas contra a VBG.
- Estabelecimento de linhas diretas de atendimento gratuitas para denunciar casos de violência doméstica e reforçar os serviços disponíveis para todas as sobreviventes de violência doméstica.
- Divulgação ativa de informações e o desenvolvimento de campanhas de sensibilização para combater a violência doméstica durante os confinamentos.
- Criação ou fortalecimento de abrigos de emergência, centros de acolhimento e centros únicos para sobreviventes da violência baseada no género.
- Prestação de apoio psicossocial às mulheres que tenham sofrido violência baseada no género, o que pode incluir serviços online de terapia.
- Estabelecimento ou fortalecimento de unidades especiais da polícia para lidar com a violência doméstica durante este período de pandemia da COVID-19.
- Aumento da consciencialização e da capacidade da polícia e do sistema judiciário

de reconhecer e responder à violência contra as mulheres.

- Criação de mecanismos especiais para garantir que os perpetradores de violência sejam rapidamente processados e condenados.

Em 2020, respondendo ao apelo global do Secretário-Geral da ONU sobre VBG e COVID-19, [30 Estados-Membros africanos das Nações Unidas concordaram](#) em incluir o fim da violência contra mulheres e meninas como uma parte fundamental dos seus planos de resposta à COVID-19. Vários países materializaram esse acordo através da provisão de serviços essenciais, tais como abrigos, linhas de apoio e outros mecanismos de denúncia. No entanto, ainda há muito a ser feito para garantir que os serviços relacionados à violência contra mulheres e meninas se tornem parte integrante dos planos nacionais e locais de resposta à COVID-19. Além disso, ainda existe a necessidade de financiar e apoiar adequadamente essas medidas ao longo do tempo.^{44 45}

Recomendações

À luz das diretrizes da UA acima enunciadas, as prioridades políticas e os esforços de resposta e de recuperação para abordar a VBG durante a pandemia da COVID-19 terão de incluir as

42 Ibid

43 A OHCHR e a Direção de Mulheres, Género e Desenvolvimento (WGDD) da União Africana desenvolveram uma orientação conjunta sobre as possíveis ações que as nações africanas podem realizar, de acordo com as suas obrigações de direitos humanos, para prevenir a discriminação contra mulheres e meninas nas suas respostas contra a COVID-19. A orientação contextualiza a questão segundo as experiências vividas por mulheres africanas, com foco nas especificidades dos diferentes grupos de mulheres em África. OHCHR e União Africana “Possible Actions and Women’s Rights and Covid-19. <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Women/7ActionsFinal.pdf>

44 ONU Mulheres (novembro de 2020) “Press Release: As impact of COVID-19 intensifies, UN Women calls for concrete actions to respond to the concurrent shadow pandemic”. [Press Release: As impact of COVID-19 intensifies, UN Women calls for concrete actions to respond to the concurrent shadow pandemic | UN Women – Headquarters](#)

45 ONU Mulheres (setembro de 2020) “COVID-19: Only one in eight countries worldwide have measures in place to protect women against social and economic impacts, new data shows” [COVID-19: Only one in eight countries worldwide have measures in place to protect women against social and economic impacts, new data shows | UN Women – Headquarters](#)

seguintes medidas (que até agora provaram ser eficazes).^{46 47}

Estas recomendações são inspiradas nas principais prioridades de ação identificadas em diversos relatórios e estudos desenvolvidos pela UA, pela ONU e seus parceiros.

Os Estados-Membros devem garantir que os mecanismos institucionais atendam plenamente aos direitos e às necessidades das mulheres e meninas durante este período de pandemia da COVID-19.

- Aumentar a consciencialização das autoridades para compreender o aumento do risco de violência sexual e de género (SGBV) e outras formas de violência e abuso durante a pandemia, bem como o impacto de género na crise.
- Garantir que as células/forças-tarefa nacionais da COVID-19 ofereçam formação aos pontos focais de SGBV que trabalham na integração das medidas de SGBV nos planos de resposta nacionais à COVID-19.
- Serviços de SGBV de curto e longo prazo devem ser priorizados e categorizados como salvadores de vidas, devido aos impactos negativos e muitas vezes fatais da SGBV sobre os indivíduos e as suas famílias, bem como no que diz respeito à coesão social e à estabilidade económica.
- Tomar medidas para abordar as interligações entre a VBG e o VIH, reconhecendo que a VBG não é apenas um impulsor da vulnerabilidade que aumenta o risco de VIH,

mas também um fator de risco que pode minar a eficácia e o impacto almejados dos serviços de VIH e dos investimentos feitos em resposta à SIDA em África .

- Oferecer formação (com modificações em termos de participação remota ou online) sobre os riscos de VSBG e como lidar com denúncias e partilhar os serviços disponíveis de uma forma centrada nas sobreviventes.
- Garantir que as pessoas em risco/sobreviventes de VSBG estejam envolvidas no projeto/seleção de centros de quarentena/isolamento e que esses centros preservem a dignidade, o acesso, a participação e a segurança de todos. Os centros também devem seguir todos os padrões descritos nos Padrões Mínimos do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (IFRC).
- Em contextos onde os toques de recolher são ou serão implementados, as pessoas em risco/sobreviventes de VSBG que fogem das suas casas durante esse recolher obrigatório, devem ser apoiadas e não colocadas sob risco adicional. Devem ser desenvolvidas orientações claras para as forças de segurança (tais como a partilha de vias de encaminhamento de SGBV). É necessário trabalhar com as autoridades governamentais e com as organizações locais para desenvolver e disseminar vias de encaminhamento adequadas.
- Garantir que os profissionais de saúde tenham as habilidades e os recursos necessários para lidar com informações sensíveis relacionadas à violência sexual e baseada no género, que qualquer denúncia de SGBV seja tratada com respeito, compreensão e confidencialidade e que os serviços sejam fornecidos segundo uma abordagem centrada na sobrevivente.
- Integrar a mitigação de risco de SGBV em todos os aspectos da resposta à epidemia e garantir que isso seja incluído nos planos nacionais de contingência/preparação e

46 Nações Unidas (abril de 2020) "Policy Brief: The Impact of COVID-19 on Women" Páginas 17-18. <https://www.un.org/sexualviolenceinconflict/wp-content/uploads/2020/06/report/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women-en-1.pdf>

47 ONU Mulheres, UNFPA, OMS, PNUD e UNODC. Programa Conjunto da ONU sobre Serviços Essenciais para Mulheres e Meninas Sujeitas à Violência (junho de 2020) "COVID-19 and Essential Services Provision for Survivors of Violence Against Women and Girls" <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/brief-covid-19-and-essential-services-provision-for-survivors-of-violence-against-women-and-girls>

resposta humanitária, incluindo o fornecimento de ferramentas e metodologias para a mitigação de riscos e a prevenção de SGBV em toda e qualquer programação que ofereça dinheiro ou vouchers, especialmente no que diz respeito à segurança alimentar, bem como auditorias de segurança, respostas de saúde e água e medidas de saneamento e higiene (WASH).

- Implementar políticas e programas multissetoriais e entre várias partes interessadas, que sejam robustos e específicos em termos de vulnerabilidade, bem como eficientes, transparentes e bem coordenados e que abordem os riscos sociais e económicos específicos de mulheres e meninas que resultam em VSGB.
- Fortalecer a integração dos esforços e serviços de prevenção para responder à violência contra as mulheres nos planos de resposta da pandemia da COVID-19; incluindo serviços para as mulheres que vivem em contextos de deslocamento.
- Estabelecer abrigos de violência doméstica como serviços essenciais e aumentar os recursos para todos os provedores, incluindo grupos da sociedade civil que trabalham na linha da frente das medidas de resposta.
- Expandir a capacidade dos abrigos para vítimas de violência, reaproveitando outros espaços, tais como hotéis vazios ou instituições de ensino, para acomodar as necessidades de quarentena e integrar considerações de acessibilidade para todos.
- Conceber espaços seguros para as mulheres onde elas possam denunciar abusos sem medo ou danos.
- Garantir a continuidade de serviços essenciais, tais como o acesso a um parto seguro, cuidados pré-natais e pós-natais, programas de imunização, acesso contínuo a serviços de saúde sexual e reprodutiva, acesso a planeamento familiar, serviços de saúde infantil e adolescente e outros serviços essenciais,

uma vez que estes também oferecem a oportunidade de denunciar abusos.

As partes interessadas precisam intensificar as campanhas de defesa e consciencialização, inclusive visando homens e meninos.

- Envolver homens e meninos, bem como líderes tradicionais e religiosos nas iniciativas de prevenção, resposta e coordenação da VBG.
- No contexto atual, os meios de comunicação (visual, áudio, impresso, online) têm um público maior do que nunca e são um dos principais meios de informação, ligação e intercâmbio durante a pandemia. É fundamental que os meios de comunicação continuem a aumentar a visibilidade da violência contra mulheres e crianças, para garantir que as mensagens sejam elaboradas de forma a incluir a VSGB e a COVID-19, segundo o entendimento claro de que a violência contra mulheres não é um fenómeno novo.⁴⁸
- Organizar iniciativas de formação para os meios de comunicação com perspetiva de género, oferecidas a jornalistas e para a imprensa para que fortaleçam a sua capacidade de aplicar uma lente de género nas suas reportagens, incluindo o uso da linguagem, a representação e a abordagem da VBG.
- Divulgar mensagens sobre violência sexual e de género no contexto da COVID-19 através das redes sociais, programas de rádio e/ou TV; fornecer apoio social/psicossocial remoto, tais como grupos de conversas virtuais. As mensagens devem atender às necessidades específicas de pessoas com deficiência (especialmente mulheres e meninas), por exemplo, através de linguagem de sinais, tecnologia digital acessível, legendagem,

⁴⁸ ONU Mulheres (maio de 2020) Brief: Prevention: Violence against women and girls and COVID-19. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/brief-prevention-violence-against-women-and-girls-and-COVID-19-en.pdf?la=en&vs=3049>

serviços de retransmissão, mensagens de texto, linguagem fácil de ler e simples.

- Estabelecer um programa continental de defesa da causa, utilizando a proposta continental da União Africana e o programa Década das Mulheres Africanas, como plataformas de defesa da abordagem de Tolerância Zero à VSBG em África.

A UA, os Estados-Membros e os parceiros de desenvolvimento precisam apoiar o fortalecimento de dados e evidências.

- O impacto das medidas para conter a COVID-19 está destinado a afetar desproporcionalmente certos grupos, incluindo vítimas e sobreviventes de violência doméstica, mulheres sem-teto, mulheres mais velhas, mulheres e meninas com deficiência, e mulheres e meninas com VIH. Mulheres e meninas privadas de liberdade, deslocadas, refugiadas, requerentes de asilo, migrantes e que vivem em áreas afetadas por conflitos estão particularmente em risco durante a emergência da COVID-19.⁴⁹
- Dadas as limitações das evidências documentadas sobre a escala e as dimensões da VBG no contexto da COVID-19, bem como a necessidade de definir a melhor forma de responder com ações programáticas, são necessárias pesquisas adicionais, bem como atividades de monitoria e avaliação.⁵⁰
- É fundamental aumentar a capacidade de recolha de dados de VBG, inclusive através de ferramentas comuns de relatório, programas de capacitação a nível estadual e comunitário e colaborações multissetoriais, incluindo universidades e instituições de pesquisa.

49 Escritório de Drogas e Crime das Nações Unidas (UNODC), Coronavirus Disease (COVID-19) response – UNODC Thematic Brief on gender-based violence against women and girls. https://www.unodc.org/documents/Advocacy-Section/GBVAW_and_UNODC_in_COVID19_final_7Apr2020.pdf

50 CARE (2020) Gender-Based Violence (GBV) And Covid-19: The Complexities of Responding To “The Shadow Pandemic” https://www.care-international.org/files/files/GBV_and_COVID_19_Policy_Brief_FINAL.pdf

- É importante certificar-se de que os dados do Ministério da Saúde e dos principais ministérios que respondem à COVID-19 sejam desagregados por sexo, idade e deficiência.
- Deve-se garantir que os planos de preparação e resposta a emergências sejam baseados em análises completas de género, considerando papéis, riscos, responsabilidades e normas sociais de género, e tendo em conta as capacidades e necessidades únicas das populações vulneráveis. Isso inclui garantir que as medidas de prevenção e resposta abordem o fardo das obrigações de cuidados que são responsabilidade de mulheres e meninas e os riscos acrescidos de violência sexual e baseada no género (VSBG).
- Sistemas de vigilância e resposta que incluem dados de saúde desagregados por idade, sexo, gravidez e deficiência garantem que as mulheres que correm maior risco de violência sexual e de género sejam identificadas e tenham acesso igualitário a serviços, recursos e oportunidades.
- É importante reforçar a monitorização da implementação dos principais compromissos continentais para acabar com a VBG nos âmbitos nacional, regional e global, através de relatórios consistentes ao abrigo do Protocolo de Maputo, da Declaração Solene sobre Igualdade de Género em África (SDGEA) e de outros quadros relevantes.

Os Estados-Membros e os parceiros de desenvolvimento precisam manter o compromisso de financiar adequadamente as estratégias para acabar com a VBG durante a pandemia da COVID 19.

- Garantir que orçamentos específicos estejam em vigor nos ministérios setoriais – incluindo recursos humanos e técnicos – para financiar as prioridades a curto, médio e longo prazo. A integração da prevenção da violência contra mulheres e

meninas em todas as políticas e estruturas de financiamento pode oferecer recursos para iniciativas relevantes a nível nacional e comunitário.

- Apoio e financiamento de campanhas de educação e formação baseadas na comunidade são essenciais para aumentar a consciencialização sobre a violência contra as mulheres como sendo uma violação da capacidade de as mulheres usufruírem dos seus direitos humanos.
- Integrar o género em todo o envolvimento do setor privado e garantir que ele seja integrado de forma proactiva nas suas funções de liderança e ativismo.
- Garantir que as dimensões de género sejam incorporadas nos programas de financiamento existentes do setor privado.
- Garantir que as alocações de financiamento durante e após a pandemia apoiem programas para prevenir e responder à violência contra mulheres e meninas e para promover os direitos humanos das mulheres.

Desde o início da COVID-19, relatórios emergentes dos que estão na linha de frente têm mostrado que vários tipos de violência contra mulheres e meninas têm se intensificado. Embora a pandemia da COVID 19 esteja reivindicando a vida de muitos, o impacto desproporcional da pandemia sobre as mulheres e o bem-estar sócio-econômico das meninas está ameaçando reverter os ganhos duramente conquistados no avanço da igualdade de gênero e do empoderamento das mulheres. Também na África, tem havido relatos de abuso, como violência do parceiro íntimo, assédio sexual, casamento infantil, mutilação genital feminina (MGF), abuso doméstico e sexual de mulheres e meninas em muitos casos por membros da família, que são exacerbados particularmente sob tranca-mento. Além disso, com o aprendizado online, os casos de abuso, assédio e exploração de crianças online têm aumentado. Entretanto, a escassez de dados bem documentados sobre gênero continua sendo um desafio fundamental para a implementação de esforços abrangentes e sistemáti- cos de resposta e recuperação da VBG e da COVID 19 nos Estados membros da UA.

Neste contexto, o documento de política resume a literatura cinzenta publicada e as reportagens da mídia sobre o aumento da violência baseada no gênero como um aspecto da pandemia da COVID-19 e dos bloqueios na África. O documento documenta o forte aumento da violência baseada no gênero delineando as conseqüências, prioridades emergentes, práticas promissoras e destacando seu potencial para apoiar e proteger efetivamente mulheres e meninas da violência baseada no gênero como parte padrão da resposta à pandemia da COVID-19 na região da África. O documento também oulina algumas recomendações práticas baseadas em evidências aos Estados Membros da UA e outras partes interessadas para assegurar que as ações contra a violência baseada no gênero sejam integradas em suas atividades de resposta e recuperação da COVID-19.